

Herança Absurda: Um diálogo entre Horacio Quiroga e a Filosofia de Albert Camus / *Absurd Heritage: A dialogue between Horacio Quiroga's literature and the philosophy of Albert Camus*

Ayanne Larissa Almeida de Souza*
Maria do Socorro Pereira de Almeida**

RESUMO

Horacio Quiroga é um desses autores cuja obra pode ser compreendida também pela biografia de seu autor. Uma vida marcada por acidentes, tragédias e suicídios deu ao escritor um panorama de desgraças, decepções, obsessões e loucuras pelas quais o fenômeno da morte paira a todo momento em seus contos. Através deste trabalho nos propomos a analisar o conto *O homem morto*, fazendo uma relação entre a personagem da narrativa e o conceito de *homem absurdo* do escritor e filósofo Albert Camus, utilizando-nos para isso do ensaio filosófico *O mito de Sísifo*, no qual o pensador franco-argelino disserta sobre o absurdo existencial e a condição humana.

PALAVRAS-CHAVE: Horacio Quiroga; Albert Camus; Homem absurdo; O mito de Sísifo.

ABSTRACT:

*Horacio Quiroga is one of those authors whose work can be also understood through the biography of its author. A life crossed by accidents, tragedies and suicides gave the writer a landscape of misfortune, disappointments, obsessions and madness on which the phenomenon of death hangs every time in his stories. Through this work, we propose to analyze the story *O Homem Morto* by Horacio Quiroga, building a relation between the character of the narrative and the concept of an absurd man, by the writer and philosopher Albert Camus, making use of the philosophical essay *The myth of Sisyphus*, in which the French-Algerian author talks about the existential absurd and the human condition.*

KEYWORDS: Horacio Quiroga. Albert Camus. Absurd Man. The myth of Sisyphus.

1 Introdução

Não podemos deixar de frisar que a América Latina produziu grandes nomes da literatura mundial, tais como Cortázar, Borges, García Márquez, Clarice Lispector, Alejandra Pizarnik, Vargas Llosa, Machado de Assis, só para citar alguns. Horacio Quiroga talvez seja o mais enigmático de todos eles. Com uma veia influenciada pelo obscurantismo gótico de Edgar Allan Poe, Quiroga teve uma vida tão atribulada e misteriosa quanto o autor de *A queda da casa de Usher*. É um desses escritores cuja obra pode ser compreendida sob o olhar de sua própria biografia, embora não só por ela.

*Doutoranda em Literatura e Estudos Culturais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Possui Mestrado em Literatura e Estudos Culturais pelo mesmo programa. Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é graduanda em Filosofia pela mesma instituição. Ayannealmeidasouza03@gmail.com

** Doutora em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba. Possui Mestrado em Literatura e Estudos Culturais pela Universidade Estadual da Paraíba. Professora efetiva do Departamento de Letras da Universidade federal Rural de Pernambuco. socorroliteratura@hotmail.com

Implacável, seus contos perturbam com situações inquietantes, diálogos tensos e um universo violento e trágico, muito marcado pela selva misteriosa e sombria do norte da Argentina. *A tragédia* está sempre presente, sempre latente, se destilando lenta e inexoravelmente, esperando apenas o momento para desencadear-se em contingências absurdas. A morte vem em forma de veneno, picada de parasita; uma serpente, uma facada acidental, mostrando ao homem a indubitável certeza da efemeridade da existência.

Amores que não dão certo, traições, doenças, obsessões, decepções, desilusões, tragédias se entrelaçam e surpreendem as personagens que, para além de qualquer coisa, não encontram escapatória diante da morte. O universo literário de Quiroga inquieta o leitor com suas leis cruéis, sua beleza selvagem e uma certeza niilista da angústia humana diante do fenômeno da morte ao qual não pode explicar nem do qual logra escapar.

Diante disso, procuraremos analisar uma narrativa do autor, *O homem morto*, mostrando como a personagem, em sua respectiva situação limite, condiz com o conceito de homem absurdo do filósofo Albert Camus. Para isso, recorreremos como aporte teórico-filosófico ao ensaio *O mito de Sísifo*, publicado pela primeira vez em 1942, no qual Camus condensa toda a sua filosofia, uma *filosofia do Absurdo*, da incansável busca humana por um sentido existencial e a total falta de respostas diante de um universo cujo sentido, se o há, o homem jamais descobrirá.

2 Horacio Quiroga: Um resumo biográfico

Horacio Silvestre Quiroga nasceu no Uruguai, em 1878. Aos dois meses de vida perdeu o pai, Prudencio Quiroga, que matou-se com um tiro, acidental na cabeça, proveniente da escopeta que carregava ao desembarcar diante da esposa - que esperava a volta do marido de uma caçada e carregara consigo o pequeno Horacio nos braços. De acordo com Golachecha (2011), o disparo não fora acidental.

Viúva, Pastora Forteza voltou a contrair núpcias, dessa vez com Ascencio Barcos. Alguns anos mais tarde, tendo este sofrido um derrame cerebral que o deixara semi-paralisado, o padrasto matou-se também com um tiro de escopeta na cabeça diante de Horacio, na época um jovem com dezoito anos.

Desde muito cedo, Horacio demonstrou interesse pela literatura e pela vida no campo, o que o levaria a viver quase toda a vida em Misiones, província do norte argentino, em meio a selva. Em 1897, viajou a Paris, porém retornou desiludido, esfarrapado e angustiado, trazendo uma vasta barba negra da qual jamais se livraria. Em 1901, seu melhor amigo, Federico Ferrando, também poeta, tendo recebido duras críticas de um jornalista de Montevideo, decidiu-se bater-se em duelo com este. Horacio, preocupado com o amigo, pediu para revisar e limpar pessoalmente o revólver que seria usado no encontro. Inesperadamente, por uma contingência absurda, a arma disparou enquanto Horacio a manejava, ferindo Federico na boca e matando-o no ato.

A culpa pela morte do amigo levou Quiroga a abandonar o Uruguai e a migrar para a Argentina. Casou-se com Ana María Cires, que lhe daria dois filhos, Eglé e Darío. Ela, entretanto, matou-se com veneno após vários episódios de depressão, deixando-o inconsolável. De acordo com Fleming (2010), perturbado com a ideia de cuidar sozinho dos dois filhos pequenos, Horacio teria destruído tudo que pertencera à esposa e caído em profunda depressão.

Casou-se uma segunda vez com María Helena Bravo, que o abandonou, levando consigo a filha do casal, Pitoca. Voltando a Buenos Aires, padecendo de câncer, Horacio internou-se no Hospital de Clínicas onde cometeria suicídio, ingerindo um copo de cianureto, a 19 de fevereiro de 1937. Faraco (2002) nos diz que os filhos de Quiroga, respectivamente por ordem de nascimento, também se suicidariam: Eglé, dois anos depois, em 1939; Darío, em 1954 e, em 1989, a segunda esposa, María Helena e a filha, Pitoca. O obscuro destino que parecia persegui-lo finalmente se cumpriu, inclusive depois de sua morte.

Seguidor da escola modernista, interessou-se pelos aspectos mais insólitos da natureza humana, tingidos de terror, doença, loucura, sofrimento e morte. Seu estilo evoluiria para um retrato realista, angustiante e desesperador da selva que o rodeava, a natureza sempre em conflito com o homem. Sua quase obsessão com a morte deve-se, sem sombra de dúvida, à trágica existência que teve e fê-lo deixar para o mundo uma das produções literárias mais inquietantes, brilhantes e transcendentais da literatura latina do século XX.

3 Albert Camus e o Homem Absurdo

Albert Camus nasceu em Mondovi, na Argélia, a 7 de novembro de 1913, filho de um francês e de uma descendente de espanhóis. Perdeu o pai na Primeira Guerra Mundial, na batalha do Marne, em 1914 e foi criado pela mãe, analfabeta e surda e pela avó, que dirigia a família com mão de ferro. Formou-se em Filosofia em Argel.

Em 1942, no auge da Segunda Grande Guerra, publicou dois de seus mais importantes livros: *O mito de Sísifo* e *O Estrangeiro*. Foi agraciado com o prêmio Nobel em 1957, três anos antes de sua prematura morte, em 04 de janeiro de 1960, aos 46 anos, em um acidente de carro, quando voltava para Paris. Em sua maleta encontrava-se o manuscrito de *O primeiro homem*, que se tornaria seu último romance, publicado postumamente. Por uma casualidade do destino, Camus afirmava nas notas deste último romance que o livro deveria permanecer inacabado e acreditava que o maior absurdo da existência era morrer em um acidente de automóvel.

Em *O mito de Sísifo*, cujo subtítulo é *Ensaio sobre o Absurdo*, Camus disserta sobre a condição existencial humana e estabelece que os esforços humanos realizados para encontrar um sentido para a existência, o significado absoluto do universo, sempre fracassarão, pois tal sentido simplesmente não existe. Essa ideia caracteriza o total ceticismo de Camus em relação aos princípios absolutos e universais da existência.

Propunha, por sua parte, a elaboração de um sentido particular como criação de um significado existencial individual que desse ao humano uma logicidade para o existir, embora este significado individual não possa, em qualquer hipótese, ser comparado a qualquer sentido supremo absoluto, mesmo que este exista, pois o indivíduo humano jamais poderá sabê-lo. Essa criação particular de um sentido para a existência não é vista como negativa, ao contrário, pois mostra que cada indivíduo da espécie humana é livre para moldar sua existência, edificando seu porvir, uma ideia também compartilhada na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre.

O século XX trouxe uma desastrosa quebra de valores e de esperanças no progresso da humanidade do ponto de vista da economia, do capitalismo tardio, da evolução industrial e científica. A crença romantizada de que esse progresso traria a felicidade para cada indivíduo é aniquilada. Como acentua Barreto (1976), a realidade do dia a dia não pôde deixar de ingressar nas páginas narrativas dos escritores da época, “obrigando-os a esquecer os ideais de beleza, verdade, moralidade que serviram como

ponto de referência para as gerações passadas”, pois com as experiências das duas grandes guerras mundiais, não era mais possível narrar tais fatos como quem contava anedotas. A essa literatura chamaram-na, segundo Mounier (1972) a “literatura dos desesperados”, um sentimento generalizado de existir em uma época de contradições, quebra de valores absolutos e fragmentação da identidade, um sentimento de “estrangeirismo” no meio em que se habita:

A consciência de que existe um abismo entre a sua vida profunda e suas ações faz com que tenha o sentimento nítido de que é impossível definir-se sobre ele próprio. [...] O homem existe independente do homem; e este constrói a sua realidade. Como disse Malraux, a única compreensão que o homem pode ter do universo é “o de uma diferença”. (BARRETO, 1972, p.41)

O esvaziamento dos valores fez com que a humanidade, pela primeira vez privada da ideia do transcendentalismo, abandonasse o absoluto e fosse em busca de individualizações, não mais idealizando o mundo como ele deveria ser, mas descrevendo-o e aceitando-o como ele de fato era, ou melhor, como ele se apresentava agora para cada indivíduo, a experiência do que realmente estava sendo vivenciado pelo sujeito. De certo modo, para bem ou para mal, o existencialismo colocou o humano no centro, acima e além, no comando dos fenômenos experienciados por uma pessoa.

O conceito de Absurdo na França nasce ainda no final do século XIX, início do século XX, atrelado ao reconhecimento do intelecto de que o universo e tudo que o comporta não está lógica, inteligente ou racionalmente configurado. Não há uma essência absoluta por trás do mundo fenomênico relativo. Como averigua Barreto (1972), ao invés de ordem o indivíduo humano depara-se com o caos. O absurdo seria, portanto, o sentimento humano ao constatar que o sentido ou significado ao qual deseja chegar, de ordem e racionalidade existenciais, simplesmente não existem. Para Camus, o absurdo aparece como este sentimento de divórcio entre o indivíduo humano e o mundo, jamais como uma categoria metafísica. Assim nos fala Camus:

Esse mal-estar diante da desumanidade do próprio homem, essa incalculável queda diante da imagem daquilo que somos, essa “náusea”, como diz um autor dos nossos dias, é também o absurdo. Tanto quanto o estranho que, em certos instantes, vem ao nosso encontro num espelho, o irmão familiar e no entanto inquietante que encontramos nas nossas próprias fotos também é o absurdo. (2017, p.29).

O Absurdo seria uma constatação do sentimento de ambiguidade entre o apego humano à existência e a total indiferença do universo. A gratuidade da vida, a contenda entre o apetite humano por respostas claras e racionais e o supremo embaciamento das coisas. O Absurdo seria, desse modo, “a razão lúcida que constata seus limites” (CAMUS, 2017, p.56), nascendo da defrontação “entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (CAMUS, 2017, p.39). É essa sensibilidade do absurdo que Camus tenta apreender em seu ensaio filosófico e sua literatura, mostrando o indivíduo humano em experiências que o enfrentam às situações limites, tais como medo, angústia, frustração e a morte, pois cada indivíduo vivencia de formas distintas essas diversas provações, porém trazendo a mesma inquietação diante de todas essas facetas: a vida vale ou não a pena ser vivida?

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. [...] Julgo, então, que o sentido da vida é a mais premente das perguntas. Como responder a ela? [...] Sempre se tratou o suicídio apenas como um fenômeno social. Aqui, pelo contrário, trata-se, para começar, da relação entre o pensamento individual e o suicídio. [...] Começar a pensar é começar a ser atormentado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se encontra no coração do homem. Lá é que se deve procurá-lo. Esse jogo mortal que vai da lucidez diante da existência à evasão para fora da luz deve ser acompanhado e compreendido. (CAMUS, 2017, pp.19-20).

A filosofia camusiana é a filosofia do absurdo, que nasce da relação humana com o mundo que o cerca, a busca humana por um sentido existencial e a irracionalidade da própria existência. O absurdo é a contingência existencial, mas não a sua essência; não se encontra no sujeito humano nem no mundo, mas na existência simultânea de ambos. O absurdo é injustificável e não existe fora da experiência humana e tampouco pode existir fora desse mundo. Por tudo isso, o absurdo acaba com a morte, embora a morte não resolva a problemática do absurdo.

3 Filiação absurda: Diálogo com a filosofia de Albert Camus

A literatura sempre esteve e estará relacionada a qualquer outra área que tenha a condição humana como seu pressuposto. Fazê-la pactária com a filosofia não significa

deixar de observá-la dentro de suas especificidades, de sua própria verdade nem muito menos estabelecer uma ordem hierárquica de importância ou valores, mas antes procurar estabelecer uma relação de compreensão mútua e mútuos aportes que esses dois lugares de fala podem imprimir um ao outro.

A literatura de Quiroga, herdeira direta do fantástico gótico de Edgar Allan Poe, traz em si características que, no entanto, a enquadraria dentro da corrente modernista, tais como: o poder de síntese, o relato do cotidiano, o subjetivismo, a fragmentação, o nacionalismo, a valorização do local, a linguagem coloquial. O modernismo, tanto no Brasil quanto na Europa e na América Latina espanhola, teve um caráter destruidor dos valores absolutos e do passado, rompendo com os padrões academicistas, criando uma literatura atual e nacionalizada. Todas essas facetas podem ser encontradas na produção literária de Horacio Quiroga e, especificamente, no conto que nos servirá de corpus para a nossa análise.

O conto *O homem morto* se desenvolve no cenário da selva do norte argentino, na província de Misiones, local onde Quiroga viveu quase toda a sua vida. Há uma apresentação da natureza local como cenário consubstancial da condição humana e do desfecho que ocorre no texto analisado. A natureza é mostrada não apenas como um cenário conflituoso em relação ao indivíduo humano, mas como a própria resposta do universo às exigências racionais de significação existencial humanas.

Entretanto, como a nossa pretensão não se vincula a uma análise estética da poética de Quiroga, nos focaremos na verificação dos conceitos filosóficos acima expostos dentro do conto selecionado. O argumento principal do conto se reduz a uma só e simples ação: a agonia e a angústia de um homem que, por contingências absurdas, depara-se com o fenômeno inextricável da morte, a sua própria morte.

Em *O homem morto*, temos uma personagem sem nome, apenas identificada como o “homem”, sugerindo que este indivíduo pode ser qualquer um, inclusive o leitor. Esta ferramenta permite uma maior empatia do leitor para com a personagem cujo destino irá se desdobrar ao longo da narrativa. Como aponta Brait (2006), é o jogo metalinguístico que aponta uma confusão na relação entre pessoa – ser real – e personagem – ser fictício, pois as personagens “representariam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção” (2006, p.11). A personagem do referido conto, trabalhador do campo há muitos anos, desejoso de descansar alguns minutos deitado na

relva ao sol do meio dia, tropeça no facão que sempre trazia consigo e, caindo ao chão, sobre a ferramenta, termina com o instrumento de trabalho enterrado nas próprias entranhas.

Não podemos esquecer que, embora haja espaço para confundir-se pessoa e personagem, a personagem habita um mundo ficcional, uma realidade criada, residindo esta semelhança com o real, segundo Brait (2006, p.13), “no registro de uma imagem, flagrada num dado momento, sob um determinado ângulo e sob determinadas condições de luz”, embora essas duas realidades mantenham uma relação de reconhecimento, o que, portanto, irá conferir veracidade à narrativa.

O autor busca estratégias para recriar a realidade, levando ao leitor a sua própria visão de mundo e possibilitando ao receptor, através desta reconfiguração, que se reporte por sua vez à realidade, pois o narrador também é personagem da narrativa. Temos pois, uma personagem indefinida que, em condições cotidianas, corriqueiras, que poderiam facilmente ocorrer dentro da realidade na qual estão inseridos, o campo, depara-se com a situação limite da existência humana: a confrontação com a própria morte, a indubitável certeza do fim. Para citar o trecho, temos:

O homem e seu facão acabavam de limpar a quinta rua do Bananal. Faltavam-lhes ainda duas ruas; mas como nestas abundavam as ervas daninhas e malvas silvestres, a tarefa que tinham por diante era muita pouca coisa. O homem lançou, em seguida, uma olhada satisfeita aos arbustos roçados e cruzou o alambrado para estender-se um instante no gramado. Mas, ao baixar o arame farpado e passar o corpo, seu pé esquerdo resvalou num pedaço de cortiça desprendida do poste, ao mesmo tempo em que o facão lhe escapava da mão. Enquanto caía, o homem teve a ligeira impressão de não ver o facão inteiramente no chão. Já estava estendido no gramado, deitado sobre o lado direito, tal como ele queria. A boca, que acabava de abrir-se em toda a sua extensão, acabava também de fechar-se. Estava como havia desejado estar, os joelhos dobrados e a mão esquerda sobre o peito. Só que detrás do antebraço, e imediatamente por baixo do cinto, surgiam de sua camisa o cabo e a metade da lâmina do facão, mas o resto não se via. (QUIROGA, O homem morto, 2003, s/p)

Nos primeiros elementos da narrativa, o narrador apresenta ao leitor o protagonista que estará presente no drama que irá se desenvolver: o homem e seu facão, utilizando-se para isso do menor número de expressões possíveis, caracterizando a concisão do conto modernista e também naturalista. Descreve situações corriqueiras,

presentes no cotidiano de qualquer indivíduo que habite uma região campesina e que, portanto, em um primeiro momento, não causa ao leitor qualquer reação inesperada. Apenas a insólita sensação da presença naturalizada do fenômeno da morte desde o início.

A partir daí, para a personagem, se desencadeará uma situação trágica e agônica de um processo que vai culminar na morte certa. Deste momento em diante, o narrador, com maestria, criará no leitor, através de mecanismos de manipulação psicológica e da empatia para com a personagem, a sensação de um destino que irrevogavelmente irá suceder sem que a personagem nada possa fazer.

Nesse sentido, Camus definiu o absurdo como sendo o embate entre a razão humana, limitada, contra a irracionalidade do universo. O absurdo, para existir, dependerá do indivíduo humano e sua consciência e do mundo em face do qual este indivíduo se encontra. Afinal, é justamente esta consciência, esta razão que separa o humano da natureza, que o joga em uma condição existencial agônica da qual a única certeza é a morte. Portanto, o absurdo, ou melhor dizendo, o sentimento do absurdo é justamente o confronto entre o intelecto e o cosmo.

A experiência do absurdo encontra-se na própria existência cotidiana do indivíduo humano e é defrontada pela atitude racional deste mesmo indivíduo em face deste sentimento absurdo que presencia e que não sabe explicar. Esse “divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário” (CAMUS, 2017, p.21) é justamente a sensibilidade absurda. Um mundo compreensível, passível de ser explicado ainda que com raciocínios ilógicos, é um mundo familiar, porém, em um universo, como nos aponta Camus (2017), inesperadamente privado de qualquer ilusão, o homem se sentirá inexoravelmente um estrangeiro.

Como ressalta Camus (2017), o sentimento do absurdo pode bater no rosto de qualquer indivíduo a qualquer momento e este sentimento é inenarrável e inapreensível. Podemos observar esse sentimento dentro do conto no momento em que a personagem se dá conta de sua respectiva situação e da certeza da morte. O protagonista possui a certeza que vai morrer, porém trata de negar esta evidência a todo custo desde o início, buscando meios desesperados de racionalizar a situação e encontrar outras respostas para explicar o óbvio fenômeno que se desenvolvia: que estava prestes a morrer. Podemos observar isto na seguinte passagem e na reflexão que lhe segue:

O homem tentou mover a cabeça em vão. Deu uma olhada de relance na empunhadura do facão, úmida ainda do suor de sua mão. Apreciou mentalmente a extensão e a trajetória do facão dentro do seu ventre, e adquiriu fria, matemática e inexoravelmente, a certeza de que acabava de chegar ao término de sua existência. A morte. No transcurso da vida, se pensa muitas vezes em que um dia, depois de anos, meses, semanas e dias preparatórios, chegará a nossa vez nos umbrais da morte. É a lei fatal, aceita e prevista; tanto que costumamos nos deixar levar prazerosamente pela imaginação a esse momento, supremo entre todos, em que lançamos o último suspiro. Mas, entre o instante atual e essa derradeira expiração, quais sonhos, transtornos, esperanças e dramas presumimos em nossa vida? O que nos reserva ainda esta existência cheia de vigor, antes de sua eliminação do cenário humano? É este o consolo, o prazer e a razão de nossas divagações mortuárias: tão distante está a morte, e tão imprevisto o que devemos viver ainda! Ainda?... (QUIROGA, O homem morto, 2003, s/p)

De acordo com Camus (2017), o homem vive uma vida regrada, metódica, com sentidos e significações, na qual dúvidas e inquietações não encontram espaço para proliferar-se. Vivemos uma existência pautada pelo ritmo e pelas obrigações do trabalho, da família, dos estudos, dos amigos, das diversões, da vida social, profissional, íntima. Dia a dia, mês a mês, ano a ano, a existência transcorre sempre a mesma. Mas um dia o “por quê” surge e tudo se inicia:

Da mesma maneira, e em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega uma hora em que temos de levá-lo. Vivemos no futuro: “amanhã”, “mais tarde”, “quando você conseguir uma posição”, “com o tempo vai entender”. Estas inconsequências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer. [...] O amanhã, ele ansiava o amanhã, quando tudo em si deveria rejeitá-lo. Essa revolta da carne é o absurdo. (CAMUS, 2017, p.27-28)

A razão não consegue, satisfatoriamente, atender aos desígnios humanos por dar sentido a essas experiências. A experiência da morte, como vista na personagem, na verdade não existe, pois só se pode considerar experiência aquilo que se vivencia objetivamente falando e é levado à consciência. Não podemos, pois, vivenciar a morte de outrem nem a nossa própria. E sob a luz deste destino implacável, aparece a feição da inutilidade existencial e da sensação do insólito que parece ao indivíduo humano o fim da própria existência, pois vive-se como se nunca fosse morrer, é a ilusão da imortalidade. Podemos verificar esta constatação na reflexão da personagem:

Não havia passado dois segundos: o sol estava exatamente na mesma altura; as sombras não avançaram um milímetro. Bruscamente,

acabam de se resolver para o homem estendido as divagações a longo prazo: está morrendo. Morto. Pode se considerar morto em sua cômoda postura. Mas o homem abre os olhos e observa. Quanto tempo passou? A que catástrofe sobreviveu no mundo? Que transtorno da natureza manifestou o terrível acontecimento? Morrerá. Fria, fatal e inescapavelmente, morrerá. (QUIROGA, O homem morto, 2003, s/p)

A personagem, para escapar ao absurdo que se estende diante de si, fixa a atenção ao ambiente que o rodeia, como se procurasse no universo uma razão, um sentido, um significado para a sua atual situação. O mundo familiar, racionalmente explicável, ainda que de formas errôneas e inautênticas, ainda é o mundo no qual o indivíduo humano busca viver, pois é o que a sua razão consegue apreender. O sentimento de divórcio, da cisão entre o protagonista e o cenário que o contém, dá-se justamente na reflexão que faz a respeito do cosmo. Observemos:

O homem resiste: - “É tão imprevisto este horror!” – e pensa – “É um pesadelo! É isto!”. O que mudou? Nada. E observa. Não é por acaso este bananal? Não vem todas as manhãs limpá-lo? Quem o conhece como ele? Vê perfeitamente o bananal, bem desbastado, e as largas folhas despidas ao sol. Ali estão, bem próximas, desfiadas pelo vento. Mas agora não se movem... É a calma do meio dia, mas devem ser 12 horas. Entre as bananas, ali acima, o homem vê desde o duro solo até o telhado vermelho de sua casa. À esquerda entrevê o monte e a capoeira de canelas. Não alcança mais a visão, mas sabe muito bem que atrás de suas costas está o caminho para o porto novo; e que na direção da sua cabeça, ali abaixo, jaz no fundo do vale o Paraná adormecido como um lago. Tudo, tudo exatamente como sempre; o sol de fogo, o ar vibrante e solitário, as bananas imóveis, o alambrado de postes muito grossos e altos que logo terão que trocar... (QUIROGA, O homem morto, 2003, s/p).

Compreender a existência, no âmbito humano, como nos diz Camus (2017), entender a realidade, é reduzi-la ao humano. Há um abismo entre o que imaginamos saber e o que realmente sabemos, “a aceitação prática e a ignorância simulada” (CAMUS, 2017, p.31) que nos faz vivermos com ilusões, diante de uma dicotomia, no divórcio que nos afasta de nossas elucubrações. O mais insano, segundo Camus (2017, p.34), é “o confronto entre o irracional e o desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem”. É necessário abrir mão da construção de ilusões familiares que nos trazem serenidade e segurança para que possamos nos entregar, lúcidos, ao absurdo. A morte é a própria consciência da angústia e apela à consciência por uma negação plausível para a obviedade de seu fenômeno.

Dessa forma, a consciência do absurdo e a revolta perante ele surgem como opostos à renúncia. Todos os indivíduos humanos irão morrer, mas a cada um a sua morte. Esta será sempre uma grande arbitrariedade, com a qual jamais iremos concordar. O homem absurdo é aquele que nada faz pelo eterno, não acredita nele. Ânimo e raciocínio são suas prédicas, está satisfeito com o que possui e reconhece os limites de sua razão humana. No trecho a seguir, podemos observar a seguinte reflexão:

Morto! Mas é possível? Não é este um dos tantos dias em que saiu ao amanhecer de sua casa com o facão na mão? Não está ali mesmo com o facão na mão? Não está ali mesmo, a quatro metros dele, seu cavalo, seu malacara, farejando, parcimoniosamente, o arame farpado? [...] O que passa, então? É esse ou não um simples meio-dia dos tantos em Misiones, em seu monte, em seu potreiro, no bananal ralo? Sem dúvida! Gramado curto, cones de formiga, silêncio, sol a pino... Nada, nada mudou. Somente ele é distinto. Há dois minutos, sua pessoa, sua personalidade vivente, não tem nada a ver com o potreiro, que moldou ele mesmo à enxada, durante cinco meses consecutivos, nem com o bananal, obra de suas únicas mãos. Nem com sua família. Foi arrancado bruscamente, naturalmente, por obra de uma lasca notável e um facão no ventre. Há dois minutos: morre. (QUIROGA, O homem morto, 2003, s/p)

O universo não possui uma racionalidade em si mesmo e isso é tudo quanto a razão humana consegue apreender. A revolta humana contra o irremediável tornaria a existência uma humilhação. O absurdo, como ressalta Camus (2017), não está nem no indivíduo humano nem no mundo, mas na relação da presença de ambos em comum. Há o que deseja o humano e há o que o universo lhe oferece. Não pode haver absurdo fora da consciência humana nem externo a este mundo cognoscível. O absurdo cessa, portanto, com a morte. Por mais certeza que tenhamos da ideia objetiva e correta da morte, desejamos sempre manter a existência e, conseqüentemente, o sentimento absurdo que nos oprime.

Tal embate, como diz Camus (2017), supõe total ausência de esperança, mas que não significa desespero, recusa contínua do futuro certo: a morte; não uma renúncia e uma angustiada insatisfação, que não poderia ser sinônimo de inquietude adolescente, pois o absurdo só possui sentido enquanto for negado, jamais admitido. O homem absurdo, consciente de sê-lo e sem esperança (mas não em desespero, sem apelação ao transcendental), não pertence mais à ideia de futuro, mas vive inextrincavelmente no presente, com intensidade e consciente dessas experiências. De acordo com Camus:

O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge do seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz. (2017, p.39).

A personagem do conto fixa sua atenção no mundo que o cerca, familiar e racionalmente explicável, tentando encontrar no universo uma lógica que lhe fizesse compreender sua situação objetiva. Sua sede de entender o absurdo e o silêncio e a total indiferença do universo que o contém diante de sua exigência por clareza. Entretanto, diante deste sentimento absurdo experimentado pelo protagonista, o mesmo não apela para o divino, não busca fora de sua realidade respostas ou consolo. Não aparenta desespero, apenas um sentimento de impotência que conduz o raciocínio dentro da lógica da razão humana. Em face da efemeridade de si e do mundo, o homem absurdo dirige o olhar para o que lhe parece seguro, ou seja, o que está a mão, o inopinado, pois o mundo menos ilusório é aquele no qual se vive.

A personagem começa por lembrar sua vida rotineira, seu dia a dia, o cavalo, o facão com o qual trabalha há anos e pensava mesmo em trocar, o menino que passa sempre assobiando, o sol a pino no céu, o novo porto; elementos corriqueiros, cotidianos que expressam a continuidade da existência e, portanto, o sentimento absurdo que o encontrou, pois nada mudara, somente ele estava diferente por ter a consciência dessa cisão entre si e o universo. Uma sucessão de presentes que caracterizariam o homem absurdo. O parágrafo seguinte expressa esta questão:

O homem, muito esgotado e estendido no grama sobre o lado direito, resiste sempre a admitir um fenômeno desta transcendência, ante o aspecto normal e monótono de quem observa. Sabe bem a hora: às onze e meia... O garoto de todos os dias acaba de passar a ponte. Mas não é possível que tenha resvalado!... O cabo de seu facão (logo deverá trocá-lo por outro; resta-lhe pouco uso) estava perfeitamente oprimido entre sua mão esquerda e o arame farpado. Carrega dez anos de bosque, ele sabe muito bem como se maneja um facão de arbusto. Somente está muito cansado do trabalho desta manhã e descansa um momento como de costume. [...] Todos os dias, como esse, tem visto as mesmas coisas. Muito exausto, mas descansa, só. Deve ter passado já vários minutos... e às onze e quarenta e cinco, desde ali acima, desde o chalé de telhado vermelho, descerão até o bananal sua mulher e seus dois filhos, buscando-o para almoçar. [...] Mas é um dos tantos dias, trivial como todos, claro está! Luz excessiva, sombras amareladas, calor silencioso de fofalha sobre a carne, que faz suar o

malaraca imóvel perante o bananal proibido. (QUIROGA, O homem morto, 2003, s/p)

A angústia humana perante o fenômeno da morte parece ser o foco principal da narrativa, da qual o homem, seu facão e o ambiente que os cercam são meros joguetes. Embora o conto não pertença em si mesmo ao gênero fantástico, uma vez que as leis da natureza não são quebradas, o sentimento do insólito diante deste fenômeno natural desnaturalizado nos remete ao que Todorov nos diz sobre a relação entre leitor e personagem dentro do gênero fantástico:

O fantástico implica pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que o leitor tem dos acontecimentos narrados; esse leitor se identifica com a personagem. É importante precisar desde logo que, assim falando, temos em vista não tal ou tal leitor particular e real, mas uma “função” de leitor, implícita no texto (da mesma que está implícita a de seu narrador). A percepção desse leitor implícito está inscrita no texto com a mesma precisão que os movimentos das personagens. (2008, p.150-151)

Portanto, o fantástico dentro da narrativa analisada pode ser observado na existência de um acontecimento insólito, inesperado, estranho, ainda que totalmente dentro das leis naturais, que provoca hesitação tanto na personagem quanto no leitor, fazendo com que, de acordo com Todorov (2008), o leitor considere o mundo ficcional como um mundo de pessoas vivas e titubeie entre uma explicação racional e natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos vivenciados e que essa sensação seja também compartilhada por uma personagem, que não estará totalmente decidida sobre que argumentação ou explicação dará aos fatos ocorridos.

No conto, o protagonista, diante da sensação insólita do inesperado fato óbvio de que para si se terminaram todos os problemas do mundo, busca vivenciar um passado familiar, corriqueiro, como se fosse o presente e projetando-se para o futuro através de ações, tais quais trocar o facão por outro, os alambrados que terão de ser trocados ou a família que logo virá buscá-lo para o almoço, culminando na afirmação de que apenas está muito cansado e descansa um pouco como de costume. Através desse mecanismo, o narrador mostra a total indiferença da natureza diante da tragédia individual de um homem que morria. O fantástico, seguindo o pensamento de Todorov (2008), dura apenas o tempo de uma hesitação, do leitor e da personagem, que precisam racionalizar e decidirem se o que vivenciam é ou não a realidade.

No conto em questão, essa decisão é tomada. A narrativa é conduzida fluidamente até o desfecho sem que, subjetivamente, a personagem em questão racionalize a realidade objetiva. Entretanto, permanecendo as leis naturais intactas, admite-se, na personagem e no leitor, o sentimento do insólito em face do embate contra o absurdo. Um fenômeno perfeitamente explicado pelas leis que regem a limitada razão humana, porém que, em face mesmo do absurdo entre a exigência humana por clareza e a irracionalidade do mundo, permanece sendo insólito, estranho, inquietante e singular. Este divórcio do qual fala Camus (2017) fica ainda mais nítido nas passagens finais do conto e no seu desfecho:

[...] Quantas vezes, ao meio-dia como agora, cruzou voltando para casa esse potreiro, que era capoeira quando ele chegou e antes havia sido monte virgem! Voltava então, muito fatigado também, com seu facão pendente na mão esquerda, a lentos passos. Pode ainda distanciar-se com a mente, se quiser; pode, se quiser, abandonar um instante seu corpo e ver desde o quebra-mar por ele construído, a trivial paisagem de sempre; o pedregulho vulcânico com gramas rígidas; o bananal e sua areia vermelha; o alambrado apequenado na ladeira que se incorpora até o caminho. E, mais longe ainda, ver o potreiro, obra única de suas mãos. E, ao pé de um poste descascado, deitado sobre o lado direito e as pernas recolhidas, exatamente como todos os dias, pode ver a ele mesmo, como um pequeno vulto ensolarado sobre o gramado – descansando porque está muito cansado. Mas, o cavalo raiado de suor, imóvel de cautela perante o esquinado do arame farpado, vê também o homem no solo e não se atreve a vaguar pelo bananal como desejaria. Diante das vozes que já estão próximas – Papai! – volta um longo, longo instante as orelhas imóveis em direção ao vulto e, tranquilizado enfim, decide passar entre o poste e o homem estendido que já descansou. (QUIROGA, O homem morto, 2003, s/p).

Podemos observar através da análise, a relação da narrativa com o natural desnaturalizado e elevado à categoria de sobrenatural, sendo esta a marca que, segundo Todorov (2008), modificaria o equilíbrio anterior da narração. Tanto a personagem quanto o leitor precisam decidir se o fato vivenciado pertence ou não à realidade ou ao imaginário. Esse sentimento de hesitação diante do fenômeno da morte, no caso da narrativa em questão, remete ao sentimento do absurdo e ao homem absurdo camusiano.

A busca implacável do indivíduo humano por uma explicação racional da existência e a total falta de respostas por parte do universo, evocando a irracionalidade do mundo, a angústia humana e o absurdo que daí surge, faz com que o sujeito se

divorcie de seu ambiente, como vimos na narrativa, a natureza sempre em conflito com o indivíduo humano. O absurdo nos mostra que as experiências objetivas são indiferentes, no qual o homem absurdo, como ressalta Camus (2017), observa um universo frio e indiferente no qual o fim é a aniquilação e o vazio.

5 Considerações Finais

De acordo com Camus, para que a produção literária de um autor seja autêntica faz-se necessário que ela também seja o reflexo da experiência vivida e levada à consciência pelo escritor. Só o absurdo é capaz de nos levar a viver a vida de maneira intensa e de forma totalmente integral, conscientes e lúcidos da nossa própria condição existencial. Somente encarando o absurdo, a cisão entre o si e o mundo, poderemos apreciar o sentimento de que podemos, por fim, buscar no mundo, e não fora dele, a felicidade.

Ao longo do trabalho, apresentamos a biografia do escritor uruguaio Horacio Quiroga e mostramos como sua experiência de vida influenciou sua arte. A presença da morte, de maneira tão contundente, deu-lhe muito prematuramente a indubitável certeza, a única capaz de ser alcançada pela razão humana, do fim da vida e de todas as coisas. Dissertamos, em seguida, sobre os conceitos de absurdo, do sentimento do absurdo e do homem absurdo dentro do pensamento do filósofo franco-argelino Albert Camus, pincelando as principais características desta filosofia.

Por último, analisamos a obra do ponto de vista dos conceitos camusianos, demarcando na personagem o sentimento do absurdo ao deparar-se com o fenômeno da própria morte, uma experiência impossível para aquele que é por ela atingido, e pontuamos o homem absurdo no protagonista que, embora hesitando diante do insólito que lhe parecia aquele fenômeno, natural porém desnaturalizado por todo um aparato cultural e social da sociedade ocidental, não apela para o divino ou por respostas ilógicas para sentir-se confortado. Não aparenta desespero, mas tenta, de maneira racional, dentro dos limites da razão humana, compreender o que tão obviamente já havia entendido, embora não aceitasse: que iria morrer. Como aponta Camus, essa revolta da carne é o absurdo.

O absurdo, tão evidente e ao mesmo tempo tão difícil de ser assimilado, invade a existência de um indivíduo e rompe a serena harmonia que havia entre o ser e o mundo. Retira do universo esse ente consciente de seu ser e de sua finitude e o obriga a encarar, com um esforço lúcido, o que é de fato: nada. Nesta relação simbiótica, o indivíduo poderá encontrar o absurdo e a indiferença que constituem sua soberania.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Vincente. *Camus – Vida e Obra*. Estado da Guanabara, Brasil: José Álvaro Editor S.A., 1976.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo – Ensaio sobre o absurdo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 8. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

FARACO, Sergio. *A galinha degolada e outros contos seguidos de heroísmo - (Biografias Exemplares)* de Horacio Quiroga. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2002.

FLEMING, Leonor. *Introducción*. In: QUIROGA, Horacio. *Cuentos*. Edição de Leonor Fleming. 11. ed. Madrid: Cátedra, 2010.

GOLACHECA, José. *Horacio Quiroga huyó de su destierro*. In: QUIROGA, Horacio. *Cuentos de amor de locura y de muerte*. 9. ed. Madrid: S. L., 2011. pp. 5-10.

QUIROGA, Horacio. *El hombre muerto*. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/1759.pdf> . Acesso em: 11/03/2018.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Recebido em: 29/09/2018

Aceito em: 29/01/2019